

DONINI, PIERLUIGI, FERRARI, FRANCO, *O EXERCÍCIO DA RAZÃO NO MUNDO CLÁSSICO*, PERFIL DE FILOSOFIA ANTIGA (TRADUÇÃO DE MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA), S. PAULO, ANNABLUME CLÁSSICA 2012, 498 PPS.

*José Trindade Santos*

A publicação de estudos que abrangem o vastíssimo acervo de material escrito em que o saber antigo se acha vertido tem-se mantido constante a partir de meados do séc. XIX. Embora se concentrem na mesma temática, a diversidade de contextos e de finalidades visadas por este tipo de estudos deixa sempre margem a alguma originalidade. Neste caso, a Obra referida acima constitui uma História da Filosofia Antiga que abarca a tradição filosófica grega na sua máxima extensão, compreendida entre os sécs. VI a. C. e VI d. C. Não deixando de fora nenhum autor ou obra de relevo, é distribuída por 8 capítulos: “Os pré-socráticos” (11-56), “A Sofística, Sócrates e os Socráticos” (57-96), “Platão” (97-188), “Aristóteles” (189-280), “A filosofia Helenista” (281-380), “A filosofia na Mundo Romano” (381-428), “Plotino” (429-454), “O Neoplatonismo depois de Plotino” (455-474). A Obra é ainda provida com uma Bibliografia e um Índice dos Nomes.

O título e o subtítulo que os AA. deram à Obra é bem revelador da intenção que a anima: encarar a tradição filosófica grega como a empresa intelectual em que assenta o edifício da Razão na Cultura Ocidental. Sem que explicitamente o declarem, cada personagem estudada, cada obra analisada, são apresentadas como figuras da Racionalidade no mundo Antigo. Esta perspectiva subentende que o conjunto das “doutrinas” atribuídas aos diversos autores da tradição é tomado como o lugar onde são forjados os conceitos e as teorias mediante os quais a contínua atenção dos pesquisadores procede à sistemática investigação da realidade.

O primeiro capítulo aborda tematicamente algumas das teses, consideradas mais importantes e influentes dos principais pensadores pré-socráticos (nenhuma referência é feita a Diógenes de Apolónia). Implícita acha-se a opção por um viés não-evolucionista, justamente valorizando a recepção que

lhes é feita por Platão e sobretudo por Aristóteles. Cada entrada é precedida de informações relativas ao contexto em que originalmente se acha inserida, sobre o qual são avançados os dados sócio-políticos e culturais relevantes. Pode se considerar novidade num capítulo sobre os pré-socráticos a atenção concedida ao *Corpus Hipocraticum*, ao qual é associado o nascimento das *technai*.

O segundo capítulo é também revelador de originalidade ao associar temas habitualmente separados, como a Sofística (Protagoras e Górgias), Sócrates e os Socráticos Menores. O estudo do mestre de Platão é abordado de uma perspectiva abrangente, na qual os testemunhos contrastantes sobre a identidade do pensador Ateniense são confrontados com os dados recolhidos dos diálogos platônicos. Atenção particular é conferida a Antístenes e à tradição Cínica, a Aristipo de Cirene, e Euclides de Mégara.

O tratamento pontual dos pensadores e das suas teses é subitamente interrompido pelos dois largos capítulos seguidos que ocupam o núcleo da Obra (97-280), devotados a Platão e Aristóteles. Após a já habitual introdução biográfica, a vasta obra de Platão é avaliada como a primeira contribuição para o estabelecimento da filosofia, como prática de vida, disciplina e criação literária. Cada subcapítulo concentra-se no estudo dos diálogos, desenvolvido por sucessivas perspetivações temáticas: “a Sofística e as virtudes” (obra socrática), “O indivíduo e a Comunidade” (*Górgias*, *República*), “O saber do filósofo” (*República*, *Fédon*, *Mênon*), até chegar à “Teoria das Ideias” (*República*, *Parménides*), “Ontologia e Cosmologia” (*Parménides*, *Filebo*, *Sofista*, *Timeu*), terminando com “O Mito, a Alma, a Filosofia” (*Fédon*, *Fedro*, *República*, *Banquete*). Vale a pena transcrever o parágrafo que encerra o capítulo (antes do epílogo dedicado à Velha Academia – Eudoxo, Espeusipo, Xenócrates – que o remata):

A filosofia platônica nasce da consciência, produzida pela argumentação racional, da existência de cisões à primeira vista inconciliáveis: entre ser e devir, entre verdade e aparência, entre inteligível e sensível, entre alma e corpo, entre razão e percepção, entre demonstração e conto; mas ela articula-se através de um incessante processo de mediação que se baseia na certeza de que a verdade e o bem existem e são cognoscíveis pelo ser humano, e simultaneamente na consciência de que este conhecimento é difícil de alcançar e está sujeito a ser sempre posto novamente em discussão.

Também o capítulo em que são estudados Aristóteles e a sua obra se inicia pela prestação de dados biográficos e literários. Os subcapítulos seguintes tratam “Os fundamentos acadêmicos da Filosofia de Aristóteles e a doutrina das Categorias” (*Categorias*), a “Lógica e teoria da Ciência” (*Da interpretação, Primeiros e Segundos analíticos, Tópicos*), a “Física” (*Física, Metafísica XII*), “Os viventes e a alma” (*Da alma*), “A Metafísica” (*Metafísica VI-IX*), “A Ética” (*Ética a Eudemo, Ética a Nicômaco*), “A Política” (*Política*), “Retórica e Poética” (*Retórica, Poética*). Tal como o capítulo anterior, este é encerrado por um epílogo, dedicado à “Escola Peripatética” (Teofrasto).

Nos quatro capítulos seguintes, que levam a Obra ao seu termo, os AA. regressam à abordagem pontual, requerida pela enorme diversidade dos tópicos trabalhados. Dedicado à “Filosofia helenista”, o sexto capítulo estuda as três grandes Escolas helenísticas: Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo, às quais devota atenção desigual. Após uma breve introdução histórica e temática, é abordada a “Vida e obra de Epicuro”, à qual se seguem “Os cânones de Epicuro” (síntese de Epistemologia e Teoria da Linguagem), “A Física” e “A Ética”. Sintetizando a obra do Filósofo do Jardim, um breve subcapítulo “O indivíduo nas relações sociais” ensaia uma abordagem sintética das principais teses do pensador, na área da Filosofia Prática.

Maior atenção é dedicada ao Estoicismo. A definição da linha condutora do pensamento da Escola, ao longo dos três períodos em que se divide – Estoicismo Antigo (Zenão: ± 333-261 a. C.), Médio (Panécio e Possidônio: 180-50 a. C.), Estoicismo Romano (Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio: sécs. I-II d. C.) –, dá lugar à “Partição e pressupostos fundamentais da filosofia estoica” (Lógica, Física, Ética). Na Lógica é explicada uma importantíssima tese, capital para compreender as doutrinas da Escola: a divisão do real em “corpóreos” e “incorpóreos”. É a partir desta tese que é exposta “A Dialética estoica”, na qual entronca a “Teoria do Conhecimento”. São depois abordados “Os Princípios, os Elementos, o Mundo Físico”. É nestes que radicam as grandes teses e teorias metafísicas da Escola: “Os ciclos cósmicos, a Divindade, a Providência, o Fado”. A última subseção dedicada aos Estoicos abre com a definição da estrutura de “A alma”, conducente à exposição da “Ética estoica: os fundamentos e as noções de Bem e de fim”, articulando “A virtude e o sábio”, “As funções próprias e o caminho para a virtude” e “O vício e as paixões”. Conscientes de

que um ideal tão estrito dificilmente poderia se adequar à vida cotidiana, os AA. abordam ainda as “Relações interpessoais e a política” para dar ao Leitor uma ideia de como os filósofos estoicos se comportavam nos seus espaços políticos. Uma última entrada é dedicada às duas personalidades que condensam o Estoicismo Médio: “Panécio e Possidônio”.

O capítulo termina com uma breve abordagem do Ceticismo. Após uma breve nota sobre a evolução do sentido do termo, é apresentada a controversa figura do inspirador da Escola (365-275 a.C.: “Pirro e o Ceticismo”). A fundação desta, como movimento no seio da Academia, é devida a Arcesilau (315-240 a. C.: “O Ceticismo na Academia: Arcesilau”). No séc. seguinte, a Escola prosseguiu a sua acesa discussão com os Estoicos, encontrando na figura de “Carnéades” (215-130 a. C.) o pensamento que o seu discípulo Clitómaco fixou (veja-se o reflexo deste em obras de Cícero: 106-43 a. C.). A Escola Cética acabará pouco depois em Roma com a morte de Fílon de Larissa (ca. 85 a. C.). Mas a memória do Escolarca persistirá nas obras de Cícero, de Plutarco (46-120 d. C.) e de Sexto Empírico (160-? d. C.). Nesta altura, porém, o centro de gravidade da filosofia grega tinha deixado a Hélade, para se fixar, entre outros focos, em Roma.

O fato justifica a inclusão de um capítulo dedicado à filosofia em língua latina (“A filosofia no Mundo Romano”). Uma entrada introdutória descreve o ambiente cultural romano, referindo peripécias que caracterizam a recepção dispensada a alguns filósofos gregos (“Roma e os filósofos”). Nos meados do séc. I a. C., a necessidade de cultivar as elites romanas gerou um interesse pela filosofia grega, conducente ao estudo das obras dos grandes mestres gregos (“As características gerais da filosofia: o regresso aos antigos, o sistema, a exegese, a comunhão de linguagem e de temas”). Mas o espírito romano contribuiu para produzir uma inflexão nos interesses no sentido da filosofia prática (“A viragem da filosofia no séc. I a. C.”). Este movimento explica a tendência para inserir o Platonismo num contexto transcendente (“A difusão do Médio-Platonismo entre os séculos I e II”; Eudoro de Alexandria: séc. I a. C.), sendo neste ambiente que se localiza a filosofia de Alcínoo (séc. II?; confundido com Albino), de Numénio de Apameia (séc. II) e de outros expoentes do Platonismo Médio. O capítulo regressa à língua grega, nas obras do maior

comentador de Aristóteles – Alexandre de Afrodísia (“Os comentadores de Aristóteles”) –, ao qual se seguem referências ao renascimento do Ceticismo (“O Neopirronismo e Sexto Empírico”), ao Estoicismo (“Os Estoicos entre os séculos I e II”: Epicteto – 50-125 d.C. – e Marco Aurélio: 121-180 d. C.), ao atomista Lucrecio (99-ca. 55 a. C.: “Lucrecio e o Epicurismo”) e a Galeno (“Alguns cientistas influenciados pela filosofia”).

A Obra é concluída por dois magistrais capítulos de síntese dedicados a Plotino (204-270 d. C.) e ao Neoplatonismo. O primeiro deles, após uma introdução biográfica (“Vida e Obra”), condensa o espírito do Neoplatonismo na tensão produzida pela reinterpretação do Platonismo por Plotino (“Tradição e inovação”). O enfoque no último Tratado das *Enéades* (VI,9: *Sobre o Bem e o Uno*) contém o problema nuclear do pensamento plotiniano (“A realidade e o seu Princípio”). Os dois subcapítulos seguintes – “O Intelecto, a Alma, o Mundo” e “O regresso ao Uno” – condensam o movimento interno da doutrina plotiniana, plasmado na profunda revisão da tradição filosófica grega, operada pela revolucionária metodologia usada por Plotino. O derradeiro capítulo aborda sucessivamente as figuras mais relevantes da tradição Neoplatônica: “Porfírio” (232-304 d. C.), “Jâmblico” (ca. 240-ca. 325 d. C.), para terminar com “Proclo” (418-485), após uma exposição introdutória sobre “As Escolas Neoplatônicas entre os séculos IV e VI”.

É sempre delicada a tarefa do recenseador de uma História da Filosofia, pois, o fato de todas falarem do mesmo obriga o crítico mostrar que o dizem de modo diferente. Penso que a maior qualidade deste trabalho reside na combinação do rigor científico em que verte a sua coerência interna com a mais extensa cobertura do período estudado.

Como é natural, não se esperam novidades de uma obra com estas características. Pelo contrário, contudo, é-lhe exigido que faça um esforço de atualização. O Leitor deve poder considerar que as informações prestadas refletem os últimos consensos entre os pesquisadores em torno das questões tratadas. Neste particular, o mérito dos AA. consistiu em satisfazer esse quesito sem perder de vista a convicção, que a alguns – entre os quais me incluo – agra-

dará: “de que apenas o exercício da razão constitui a íntima natureza do ser humano”.

Por isso, termino com uma singela advertência. A circunstância de a abordagem dos textos estudados poucas vezes recorrer a referências a páginas e parágrafos é indicativa de que privilegia a compreensão sintética dos temas sobre a reinterpretação analítica dos textos. Resulta dessa opção que o que não fornece em pistas de pesquisa deve compensar com o vigor do amplexo crítico com que trata os assuntos.

Recebido em março de 2013

Aprovado em abril de 2013.